

PIONEIROS DA AGRICULTURA ACREANA; SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DO ACRE

Vitor Hugo de Oliveira¹

INTRODUÇÃO

A economia do Acre, inicialmente, baseava-se no cultivo de algumas plantas alimentícias pelas tribos da região. Os Manetenerys e Cananaris do Alto Purus e os Aminauas do Juruá cultivavam o algodão, que era fiado para a tecelagem de suas vestes (Castelo Branco, 1949).

Em 1864, o geógrafo inglês William Chandless, em missão exploratória ao rio Purus, informou sobre a existência das culturas do café e do tabaco, próximo aos limites do Acre com o Peru (Castelo Branco, 1958).

A partir de 1880, os flagelados da seca de 1877, na sua maioria nordestinos, atingiram o atual limite da fronteira acre-amazonense, espalhando-se pelas margens dos rios Acre, Iaco e seus tributários, explorando e povoando novas terras.

Ao que tudo indica, as primeiras introduções de cultivos exóticos no Acre foram realizadas pelos nordestinos, considerando-se que estes foram os principais povoadores da região (Guerra, 1955).

Em 1899², Luiz Galvez, durante a sua efêmera república no Acre, sancionava o decreto nº 10, de julho daquele ano, onde

¹Eng.-Agr., M.Sc., EMBRAPA/Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Rio Branco (UEPAE de Rio Branco), Caixa Postal 392, CEP 69900 Rio Branco, AC.

²A população brasileira no Acre era estimada em 70.000 habitantes.

concedia favores àqueles que desejassem fazer o cultivo do solo acreano. O decreto dispunha ainda sobre a criação de "centros agrícolas" que deveriam dispor, particularmente, de sementes de vinha, café, fumo, cana-de-açúcar e cacau (Tocantins, 1979).

No entanto, o desenvolvimento da agricultura no território acreano teve início somente a partir de 1904 com a fundação das cidades e em virtude das sucessivas crises comerciais da borracha que, provocando o êxodo dos seringais, liberavam um grande número de trabalhadores para o cultivo da terra (Castelo Branco, 1949).

A atividade do homem foi, durante muito tempo, inteiramente absorvida pelo extrativismo, que não deixava tempo suficiente para realizar o cultivo do solo, praticamente apenas um limitadíssimo plantio de milho e feijão nas praias³ descobertas pelas vazantes dos rios (Alto acre. Prefeitura, 1907).

A partir do momento em que o seringueiro começou a não encontrar compensação convidativa, iniciou-se nos seringais o cultivo da terra, com a produção de cereais e abertura de pastagens. A população foi-se tornando sedentária e, nos núcleos de maior população, estendiam-se os arrozais, desenvolviam-se os canaviais, frutificavam, aos dois anos, os cafeeiros (Costa, 1973).

Na época, os proprietários dos seringais não permitiam que as "praias" e "barrancas" fossem cultivadas mas, mesmo assim, foi nessas áreas que teve início a agricultura acreana. Isto somente foi possível graças ao concurso de desbravadores brasileiros oriundos de várias partes do país que aportaram ao Acre, superando esses e outros obstáculos.

³Terras que ficam descobertas na época das vazantes dos rios.

Considerando o desconhecimento público da importância desses pioneiros para o desbravamento das terras acreanas, o presente trabalho objetiva apresentar alguns dos principais nomes que figuraram nessa empreitada, como um subsídio para a história do Acre.

PIONEIROS DA AGRICULTURA ACREANA

O pensamento agrícola de Plácido de Castro

Os historiadores, de uma maneira geral, quando tratam da figura de José Plácido de Castro, enfocam especialmente o seu espírito revolucionário. Contudo, existe um lado pouco conhecido deste grande vulto da revolução acreana. O seu entusiasmo pela atividade agrícola.

A demonstração deste sentimento foi tornada pública pela primeira vez quando, em alguns trechos de uma carta datada de 21 de março de 1902, dirigida ao Jornal dos Agricultores, falando sobre a agricultura na Amazônia, Plácido expressou o seguinte pensamento: "Como vós, eu também creio no amanhã da Pátria; na sua grandeza, como a mais futura das nações; no desenvolvimento progressivo, sempre crescente, da sua indústria; na multiplicação do seu comércio; no seu aperfeiçoamento moral e intelectual. Creio enfim, que não estará muito longe a época em que venha a ser, para servir de vossas próprias palavras, uma nação respeitável e respeitada. Em tudo isso creio, com a condição de ser agricultor e ensinar aos nossos filhos o que nossos pais não nos ensinaram: a dirigir um arado. Em meu modesto modo de pensar, todos os pesados impostos lançados ao povo têm menos valor para o equilíbrio de nossa vida econômica do que uma semente de trigo lançada

em um solo lavrado. A lâmina de todas as espadas vitoriosas não vale a aiveca de um arado laborioso e criador!".

Estes pensamentos seriam postos em práticas quando da deflagração da luta com a Bolívia. Na época, Plácido de Castro, temendo que com o prosseguimento da guerra, as suas tropas tivessem de enfrentar um segundo inimigo mais terrível - a fome - tratou de desenvolver o cultivo regular das terras, limitado inicialmente ao milho e feijão, isentando do serviço militar aqueles que se dedicassem à agricultura.

Como um dos maiores produtores de borracha do Alto Acre do seu tempo, Plácido defendia a criação de medidas que possibilitassem o desenvolvimento da agricultura acreana por acreditar que, num futuro próximo, a borracha poderia ser produzida em laboratórios e, conseqüentemente, o Acre poderia ficar sem um suporte econômico.

Seu pioneirismo na agricultura acreana revela-se sob várias formas. Além de ter introduzido alguns exemplares de aparelhos agrícolas (o arado à tração animal, máquinas de debulhar milho e picar forragens, por exemplo), Plácido importou do Rio de Janeiro várias espécies de capim, como o "gordura" e o "jaraguá".

A sua preocupação com o desenvolvimento agrícola do Acre traduz-se também em relatório dirigido ao então Ministro Tavares de Lira, em 27/03/1907, sugerindo medidas por parte do Governo Federal, cujo teor merece transcrição:

"Permita-nos V.Exa. que apontemos algumas providências ao nosso ver de grande utilidade.

A distribuição anual de sementes de plantas mais adequadas ao nosso clima, devidamente acompanhadas de jornais agrícolas, por onde possam ser divulgados os imprescindíveis conselhos para uma indústria nacional bem dirigida e, em plano alto como a pedra fundamental da agricultura acreana, a ins-

talação de um pequeno e modesto campo de experiência e demonstração, tendo um observatório meteorológico - tais são, em suma, as medidas de que carecemos".

A pecuária e mais particularmente o abastecimento de carne bovina no mercado local representavam, para Plácido, alvos de sérias preocupações. Isto decorria principalmente em razão de, em 1902, quando inrrompeu a revolução acreana, existirem poucos seringais acreanos onde se pudessem encontrar animais bovinos. Esta situação foi amenizada, na época, com as providências tomadas pelo governo acreano visando facilitar a comunicação do Acre com a Bolívia, no sentido de possibilitar a importação de gado boliviano. Entretanto, por considerar ainda insuficiente a quantidade importada, Plácido propôs a instituição de prêmios, que seriam conferidos aos que importassem gado em maior escala.

Era este o lado pouco conhecido do herói da revolução acreana.

Quem foi Alberto Masô

João Alberto Masô, Engenheiro Agrimensor, esteve no Acre no início do século, de 1907 a 1913 e, apesar do curto período vivido em terras acreanas, prestou relevantes serviços ao setor agrícola. Delegado Estadual do Ministério da Agricultura, talvez o primeiro, Alberto Masô realizou as primeiras exposições agropecuárias no Acre, nas quais introduziu várias espécies de plantas hoje existentes (o guaraná, por exemplo, em 1912) e máquinas agrícolas, tendo elaborado ainda um dos mais completos mapas realizados sobre o Acre. Nesse mapa, Masô já manifestava preocupação com o zoneamento agrícola das terras acreanas, com as reservas florestais e indígenas. Trabalhos semelhantes,

neste aspecto, seriam superiores somente setenta anos após.

Em 1910 instalou campos experimentais em Sena Madureira e Rio Branco; e, posteriormente, em Cruzeiro do Sul.

Foi Masô quem realizou o primeiro e único levantamento da fauna e flora acreanas de que se tem notícia até hoje, além de ter elaborado o "Almanak do Agricultor acreano", em 1911. Sobre este último, afirmava ser "simples apontamento de acuradas observações feitas durante cinco anos de vida acreana".

Dignos de destaque são também os seus relatórios. Condensados e publicados sob a forma de livro, em 1913, no Rio de Janeiro, registraram fatos históricos que merecem menção, como por exemplo: "...o arado (à tração animal) foi introduzido no Acre por José Plácido de Castro, nos Campos Esperança". Esta afirmativa, aliás, pode ser verificada em Relatório da Prefeitura do Alto Acre, de 1906, quando Plácido de Castro, então Prefeito Interino, afirma: "...introduzimos alguns exemplares de aparelhos agrícolas, máquinas de debulhar milho e picar forragem e algumas sementes novas que foram gratuitamente distribuídas".

O espírito preservacionista, naquele tempo, já habitava em Masô. Com efeito, em seus "Relatórios" ele deixou isto bem evidente: "...é indispensável que, por ocasião de se fazerem as derrubadas, se conservem as árvores mais frondosas, atendendo à exagerada evaporação no tempo da seca. Os campos devem ser tratados à feição de bosques.

A formação de campos e seringais deve ser realizada de modo a aproveitar as sementes que caem naturalmente na floresta".

A sua preocupação e o seu pensamento em relação ao seringueiro, aos seringais e à posse da terra, na época, foram oficializados através de relatório enviado ao Ministro da Agri-

cultura e, de tão atuais, vale a pena conhecer alguns trechos, respeitada a ortografia da época, que definem melhor quem foi Masô:

O Seringueiro e os seringais:..

"...V.S. convirá commigo que no Acre está tudo para se fazer; durante a época das chuvas, o seringueiro vive maior ociosidade, alimentando vícios e contraindo dívidas, quando deviam ser aproveitados para toda sorte de melhoramento de ordem material, como por exemplo, a construção de pontes, formação de campos e cultivos de novos seringaes, aproveitando para este fim a grande quantidade de mudas que crescem espontâneas dentro das mattas."

Agricultura, indústria e comércio...

"...Lembro a V.S. que é preceito fundamental da ciência econômica o facto da produção ser sempre maior que o consumo, tendo se estabelecido que todo homem produz mais do que consome. No Acre, se dá justamente o inverso; o consumo é maior."

"...Folheando a história, invocando as civilizações passadas, vemos que as nações se tornavam independentes à proporção que iam desenvolvendo a agricultura, e, como consequência immediata, a indústria e o commercio."

A regulamentação das terras...

"As medições e demarcações das propriedades no acre estão sendo feitas de forma amigável, sem mínima intervenção judicial, tendo, portanto, um valor relativo. É, pois, de urgente necessidade uma lei de terras adequada à região."

Foram também de Masô os primeiros relatos agrônômicos sobre o café no Acre, cultura pela qual demonstrava um grande entusiasmo. A esse respeito, em 1912, fez a primeira distribuição de sementes de café, através de um órgão oficial no Acre. Naquele ano, os seringueiros do território recebiam 180

quilos de sementes desta rubiácea.

A respeito disso tudo, poucos são os acreanos que conhecem Masô. A história acreana deve resgatar a memória desse grande brasileiro que tanto fez por esta terra.

Para os administradores públicos, um excelente nome para denominar escolas, vias públicas, projetos de colonização, e outras obras de grande revelância para o Estado.

Outros Pioneiros

Pioneiro como desbravador e introdutor de novas técnicas agropecuárias foi o Cel. Honório Alves das Neves. Completamente desassistido pelos poderes públicos, iniciou, a partir de 1906, a exploração do Seringal Itu, com ênfase na pecuária, antevendo que o futuro do Acre não estaria indissolivelmente ligado à indústria da borracha. Implantou pastagens de capim-jaraguá, guiné, gordura, etc., introduzindo, ainda, caprinos e ovinos na região.

Desbravadores foram também nomes como Achylles Peret e Roberval Cardoso, que chegaram ao Acre na década de 30. O primeiro tem hoje o seu nome emprestado a uma colônia agrícola nas proximidades de Rio Branco. Com relação ao segundo, foi o criador do "Aprendizado Agrícola do Acre". Seguindo a filosofia do "aprender-fazendo", o aprendizado conseguia produzir, na época, cerca de 60% de sua alimentação. Aulas de história natural eram ministradas na própria floresta. Seu nome felizmente não foi esquecido, e Roberval Cardoso teve seu nome emprestado à primeira Escola Agrotécnica do Acre.

Outro que merece destaque nesta resenha histórica é o agrônomo Raymundo Pimentel Gomes. Diretor do Departamento de Produção em 1941, nos Governos Oscar Passos e Silvestre Coelho, a maior contribuição de Pimentel Gomes foi à fruticul-

tura. Autor de inúmeros livros sobre o assunto, num deles (Fruticultura Brasileira) faz uma reveladora afirmação: "... plantei o primeiro coqueiral acreano, com sementes adquiridas em Belém". Em outro trabalho de sua autoria, "Enriqueça com um coqueiral", editado em 1967, Pimentel reafirma o seu papel de introdutor da cultura do coco no Acre. Contudo, a sua principal missão foi a elaboração, em 1942, de um plano sistemático de colonização, que previa a instalação de pelo menos uma colônia agrícola em cada um dos sete municípios existentes na época. A sua execução, entretanto, somente foi levada a efeito durante o governo do Cel. José Guimarde Santos, em 1960.

Esses nomes e mais alguns, que foram esquecidos nas reminiscência históricas, muito contribuíram para o desenvolvimento de uma árdua e difícil atividade: o desenvolvimento da atividade agrícola no Acre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACRE. Delegacia do Ministério da Agricultura. **Relatório do Delegado, Engenheiro João Alberto Masô; 1910, 1911 e 1912.** Rio de Janeiro, 1913. 109p.
- ALTO ACRE. Prefeitura. **Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Augusto Tavares da Lyra por J. Plácido de Castro; 1906-1907.** Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1907. p.27-9.
- CASTELO BRANCO, L.M.B. Acreania. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.** (240):3-83, 1985.
- CASTELO BRANCO. Terra e gente do Acre. **Boletim Geográfico,** 3(73):42-51, 1949.

COSTA, C. A conquista do deserto ocidental; subsídios para a história do Território do Acre. São Paulo, Ed. Nacional, 1973. p.29.

GUERRA, A.T. Estudo Geográfico do Território do Acre. Rio de Janeiro, IBGE, 1955. p.186-258.

FOCANTINS, L. Formação histórica do Acre. 3. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979. v.2., p.283.